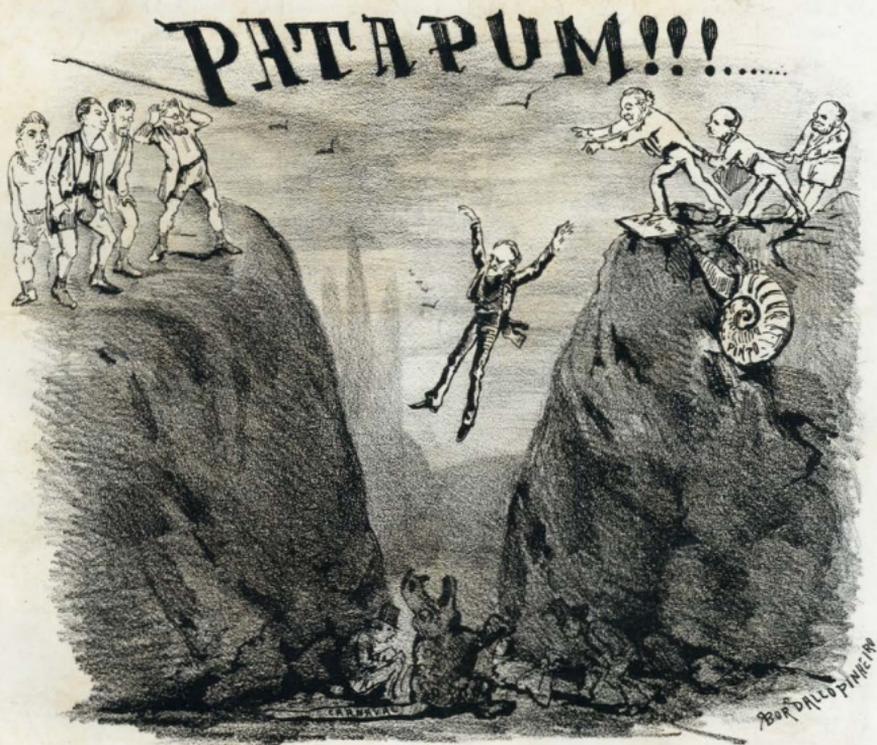


O MOSQUITO

SUPPLEMENTO AO N. 402.



Não saltou deitaram-n'o

REVISTA PARLAMENTAR

O *Mosquito*, no louvável desejo de trazer os seus numerosos leitores informados do que se passa nas altas regiões do poder, todos os dias bate as azas, e tomando o vôo por essa cidade fóra, vai pairar nas salas do parlamento onde começa agora a representar-se com muitos applausos o drama de grande espectáculo, original do gabinete de 25 de Junho, intitulado *A quêda do systema representativo*.

O *Mosquito*, aproveitando a sua propriedade de insecto alado, tem tido a incontestavel vantagem de assistir invisível, lá no fundo daquelle palco, ás mais intimas scenas de *camarim*.

Assim, não só elle tem sabido préviamente a distribuição dos papeis feita aos principaes actores e comparsas d'aquelle scena, mas tem-se tambem collocado na situação de conhecer as intrigas de *bastidor*, que já tem impedido os effeitos deslumbrantes e esplendorosos que deviam offerecer ao publico os espectaculos em que tem figurado *toda a companhia*, a qual já vai parecendo de *Saltimbancos*, só habéis na exhibição dos mais famosos e difficeis saltos *mortaes*.

Na organização da *companhia* foi bem dada a *directão* ao grande *general do futuro*. Ao menos é um presidente que nos momentos mais criticos em que a opposição o queira estrategicamente envolver, pôde exclaimar:—*Pai Paulino tem olho*.

E foi bem vivo o olho de Paulino na organização das commissões. Como elle escolheu a dedo a *flor da nossa gente!* Foi tudo da *elite*, da *velha guarda do futuro general* o que entrou na area santa das confidencias ministeriacs.

Onde o olho de Paulino não foi bem vivo foi nas votações em que um illustre secretario acrescentou sorratamente o escrutinio com listas da sua lavra até se completar o numero de votos necessario á validade da eleição. O *Mosquito* pairando sobre a mesa da presidencia, sem annunciar a carga nem cantar a victoria, limitou-se a dar uma ferroada na orelha direita de Paulino a ver se elle, com tal estimulante, virava o rosto e apanhava em flagrante o louro secretario.

Mas como é grande a nossa innocencia! Quando nos aproximamos mais dos personagens que parodiavam na mesa a eleição do Paraná, é que reconhecemos a homogeneidade de pensamento dos que representavam na farçada. Paulino não tinha o *olho vivo* porque tinha de fazer a *vista grossa*.

Pela mesma razão elle não viu as urnas pelos corredores e ante-camaras recolhendo votos verdadeiros ou falsos, contra as disposições regimentaes, que não permittem que a votação se faça fóra do recinto. Foi preciso que o ministro da marinha intervesse para que o novo methodo eleitoral não caminhasse tanto como o methodo Hudson. Entretanto a opposição, que dormia, nem com as nossas ferroadas acordou.

Emfim, não foi tarde demais que ella despertou de sua lethargia. Agora vigilante não perde momento de offerecer batalha ao grande mas pouco disciplinado exercito ministerial.

E dizemos exercito pouco disciplinado, porque ainda no ultimo recontro elle deixou vencidos os seus generaes. Levantando-se os tres ministros para imporem silencio ao filho do ex-ministro do imperio, ficaram sentados os mais denodados soldados das phalanges ministeriacs. Foi um cheque bem significativo, á frente do qual se collocou o general dissidente João Alfredo.

E João Alfredo tirou um justo desforço do ministro dos estrangeiros. Elle promettên-lh'o em colloquio intimo que cremos só ter ouvido o *Mosquito*, imperceptivel aos descuidosos olhares dos irritados politicos.

Fóra no dia em que Paulino se elevava á cadeira presidencial ambicionada por Alfredo, que este furioso dizia a Diogo Velho:

— Hei de mostrar-lhe que não sou homem para caçoadas. ”

E se bem o disse, melhor o fez. A primeira lição foi eloquente. O governo perde a votação; tres ministros ficam derrotados e Alfredo sorri do seu triumpho.

E essa votação occasionará nova crise? O *Mosquito* julga que não, visto o ministerio se achar reforçado com dous cle-

mentos novos que tiveram, segundo se diz, a canonisação de Roma.

E' verdade que os dous illustres desconhecidos ao apresentarem-se á camara dos angustos deram bem tristes provas de si. Com sinceridade diremos que nos pareceram dous tomos da mesma obra, velhos alfarrabios sem valor, nem na essencia, nem na fórma, porque até são de bem *grossa escaudernação*.

Em linguagem commum os dous novos personagens chamam-se Gama Cerqueira e Costa Pinto. Nos fastos parlamentares não têm nome; as letras tambem os não conhecem; mas em compensação estão ambos filiados na escola do devorismo.

Para o provar, o novo ministro da justiça começou por anichar na magistratura um irmão, em detrimento talvez de outros com melhores direitos. O despacho foi porém de seu antecessor, na vespera de lhe passar a pasta. Foi codicillo no testamento politico do Sr. Diogo Velho. Ora depois desta solemne e brilhante entrada não se dirá que o novo ministro ha de fazer *justiça de moura*. Ao contrario elle só tem em vista este principio christão:—a caridade bem ordenada começa por nós.

O Sr. Costa Pinto prova o seu bom comportamento politico no ministerio com attestados da Parahyba, de S. Paulo e do Rio Grande, onde servio. Reduzem-se a dous os seus grandes meritos: em politica é intolerante, em administração esbanjador. Só em S. Paulo em poucos mezes deu cabo do saldo que havia em cofre e empenhou a provincia em 1.500 contos. Com taes precedentes como pôde o Sr. Costa Pinto deixar de fazer a felicidade publica?

O que não pôde concorrer para essa felicidade é o constante feriado parlamentar. Na semana que corre, de seis dias que podiam ser uteis, só um se aproveitou no *dize tu, divrei eu* da politica.

E falla-se em deficit, e falla-se em tributos! E por que não ha de fallar-se em economias? Pois só no parlamento podem fazer-se duas bem valiosas: a primeira, pagar aos deputados só os seus dias uteis; a segunda, reduzir-lhes o subsidio a uma prebenda equitativa. Offerecemos esta dupla idéa aos deputados independentes e patriotas. O *Mosquito* ha de sentir

que não haja ao menos um voto que a perfilhe, porque nesse caso terá de concluir que não ha nem patriotismo nem independencia.

Concluindo esta resenha temos de nos despedir de nosso collaborador effectivo o Sr. José Bento. Não sendo pessoal a nossa guerra deixal-o-hemos agora em paz, tanto mais que ao despedir-se do mundo politico, constricto e arrependido, exclamou do intimo d'alma.

„ Saiba morrer quem viver não soube ”

Ante pois esse illustre cadaver nós seremos os primeiros a dizer ao mundo na phrase eloquente da igreja: “ *Parce sepultis.* ”

CARNAVAL

Saudades e remorsos...

Noves fóra... nada!

E o melhor é que todos os annos me acontece isto; á quarta-feira, o inventario dá-me o mesmo resultado negativo, chego á convicção de que isto de carnaval é uma asneira de grande marca, e no anno seguinte estou cahido.

Pois se é a minha cachaça! E na sua qualidade de cachaça sabe a gaitas no momento em que se bebe, produz seus primeiros effectos, alegres e festivos, mas o diabo é a ressaca!

Vejam só isto! O sapateiro, a modista, a cocheira, uma bronchite, o patrão amuado, o bolso vazio, vazio... a unica cousa que tenho cheia é a repartição das contas a pagar!

Mas é incrível o que a Emilia consome de champagne! Quando me lembro que fui obrigado a consentir que aquelle typo do João lhe pagasse uma garrafa! mas que remedio! ella ainda tinha sede e a mim já não restava d'aquillo com que se fazem as obras de misericordia!

Nem para gorgeta ao cocheiro! elle tambem quasi não deu por isso, graças aos fundos das garrafas...

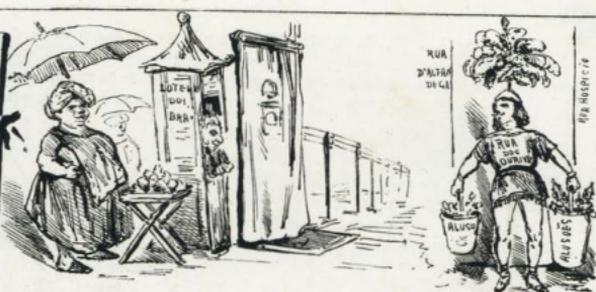
Estes mezes agora, já se sabe, é como nos outros annos. Alcazar, hotéis, roupas elegantes... tudo fóra do orçamento!

Ainda roupas talvez possa arranjar algumas, mudando de alfaiate.....

O que eu tenho de fazer mais urgentemente é brigar com a Emilia....não é preciso procurar pretexto, onde não faltam razões aos centos... E' pena! é uma rapariga de truz... e eu gosto della que me pello! é verdade que as vezes tem



Eliminem-n'o.



Mercedite, kiosquillo, reposteirito e telegraphite agudas — parecem que foram as causas.

Pertencem o penacho no carnaval e na politica á rua dos Ourives.



O Coreto, os attentados, etc., tomaram proporções gigantantes; — A alegoria da morte do Kiosque foi de mau gosto para a pasta que elle não largou.



foi-lhe reptada pela mesma forma.

que foi raptado e Apostolo-sel-o hia pela mesma gente!

O Hudson agora lava as mãos como Pilatos, o que é bem bom e

pensa no que lhe ha-de podir que elle largue.



CANTO
DE PROFUNDIS DE PROFUNDIS

Entretanto canta-lhe o *Di profundis*, com muito sentimento.

O Sr. José Bento toma uma atitude bonita na camera, (já em tempo) e explica como

foi devorado pelo *Saturno* Fluminense. A digestão deste filho ingrato ha-de ser-lhe difficil.



O ministerio congratula-se por este attentado constitucional, e faz dous ministros anonyms, contra a vontade delles, que por sahirem do carnaval

ainda estão mascarados e perguntam á camera: *toce me conhece?*

Maistarde os verá.



Participação do carnaval e da cinza por isso a devendo recordar-se deste dia, deves ser "

obedientes para com seu creador. (Disse o Sr. Affonso Celso.)

Senão — Rocha Tarpeia pelo telegrapho.

Nem o ministro da Divina Providencia escapou quanto mais estes!

cada lembrança! no baile, tinha bebido chartreuse, e depois limpou os beijos com as costas da mão e a mão limpou-a saía! Quando vio a cara com que eu a olhava, ia ficando envergonhada, mas arrependeu-se de não o conseguir e fez-me uma careta.

Aquillo ha de ser da educação! E já agora é tarde para torcer o pepino.

O Carlos é que eu não sei onde vai buscar dinheiro para se metter nestas folias... Elle era só sedas, a esgançada da Luiza tinha mais de quinhentos mil réis em cima de si... só em pó de arroz gastou uma fortuna... Elle não tem pai rico, ganha em mil réis por mez... come e veste-se á sua custa... A' sua custa, é um modo de dizer... alli ha cousa!...

Lá o Augusto, comprehendendo-se, é caixa...

Mas que valsas! Quem nunca dansou em baile de carnaval não sabe o que ha de delicias em uma valsa! A gente a rodar, mas n'um rodar vertiginoso! a cabeça a rodar tambem para seu lado, ou antes, para todos os lados, e o par a não fazer ceremonias!

Mas é isto tudo junto que faz as delicias do carnaval... Um baile á phantasia em casa de familia é como um vatapá sem pimenta!

Começa porque a gente não bebe... Eu não costumo beber muito... mas as misturas... quando a gente começa a não saber de que freguezia é... ouve missa em toda a parte!

Ai! o maldito do rheumatismo aproveitou a occasião para assular-se tambem; anda-me a dansar pelas juntas uns galopes impossiveis! O carnaval é uma freguezia de iodreto de potassio!

Nove horas! Vamos ao deve e haver! Os livros do patrão ainda tem haver... A' vida que elle passa, não lhe inveja a sorte; se eu tenho de ser rico para aquillo... Dizer que quando a gente terça feira estava a ter medo da chuva, elle desajava a por causa das couves...

Pois eu mesmo hei de chegar algum dia a pensar no bem estar das couves!...

O patrão diz que já foi moço... Não o acho com cara disso... Se o tivesse sido, dava-me ali um conto de réis de gratificação agora...

Isso é que era gallinha...

A. MARIO.

A MASCARA

Esta vida é um fandango, e lá diz o vulgo: tolo é o que não dança.

Mas esse tolo nunca existio, nem existirá. O baile da

vida é delicioso, e cada um dança nelle a seu modo e segundo as suas aspirações. Quem não baila mais ou melhor que os outros, é que não pôde.

Mas descejo a nenhum faltam.

Conformando-nos com o rifão popular, dissemos que a vida é uma baile; falta-nos classical-o. O baile da vida é baile de mascaras.

Mal o homem vem ao mundo pôe logo a mascara; a mulher é mais tempoza; pôe-na desde que a mãe pensa em dal-a á luz. Essa mascara só a morte pôde arrancar-a, e nem sempre o consegue.

Algumas vezes tem succedido tira-la uma pessoa durante a vida. Então o que vio a fealdade nua, horrorizou-se e o que o soube horrorizou-se tambem.

Por isso convém que estejamos sempre tapados.

Essas mascaras possuem famosa mobilidade, e variam de expressão com summa facilidade.

Alguns observadores profundos quizeram estudar o homem, estudando a mascara.

Mas nem sempre dá esse estudo bom resultado; da sagacidade da observação zomba a impassibilidade da mascara.

Se algum dia os homens andassem de cara descoberta, far-se-hiam pedaços uns aos outros. Por isso os que tiram a mascara despedaçam ou são logo despedaçados.

E as sociedades com suas leis e costumes fizeram a mascara indispensavel.

A astucia e a dissimulação dominam o mundo.

Toda a gente trata de enganar, e toda é enganada.

Ha mascaras provisórias que se poem sobre a fixa, que esta não se tira nem para lavar a cara.

Empregam-se as provisórias, quando é necessario fazer grande mudança de caracter ou de sentimentos, mas só diante de certas pessoas e por pouco tempo. Varias são na vida as occasiões em que de taes mascaras se carece. Assisti, por exemplo, a um duelo. Não todos de mascarás iguaes.

Apparecem as physionomias identicas, todas graves, meditabundas, languidas, chorosas, caretando unisonas e' a compasso como impellidas por uma machina, de modo grotesco, ridiculo, repugnante. Repugnante, sim, porque repugnantes são esses quadros da vida social em que a desgraça e a dôr são dominadas pela faryada, estreitadas no circulo odioso das ceremonias, e esmagadas pelas odiosas leis da conveniencia e da fórmula.

Deixai livre desafoço á verdadeira dôr, deixai correr as lagrimas, purissimo desabafo de corações feridos.

Se sinceramente annais quem soffre, chorai de companhia, ou respeitai-lhe as lagrimas, não martyriseis o martyr com phrises guindadas, com estereotypadas consolações, que nada valem ainda que o contrario se diga.

Que palavras empregar perante a dôr da mãi que perdeu seu filho!

De quaes usar para mitigar a dôr do que foi cruelmente desenganado pela mulher amada!

A farça sempre é odiosa, mas diante da desgraça e da dôr é sempre irritante.

Ha mascaras provisórias de todas as côres, e com a expressão que se deseja.

Segundo o gosto ou a necessidade do *consumidor*. Mascaras languidas, sombrias e chorosas para os rapazes sem amor. Mascaras côr de fogo para as raparigas com amor de mais.

Mascaras com enfeites grotescos para os maridos de certas mulheres.

Mascaras côr de vinagre para as madrastas.

Mascaras côr de azeitona para os sábios.

Mascaras de pergaminho para os caveiras do seculo. De pelle da Russia para os feitos á antiga. De pelle de burro para os idem (para os feitos) á moderna.

Mascaras de campainha para cavalheiros particulares. Mascaras com chocinhos para os indispensaveis. Mascaras de dupla vista para as meninas d'agora. Ditas sem ella para os governos de certos paizes.

Tambem as ha de borracha para certos politicos, de imã para alguns deputados, de canna doce para certos demittidos, de pedra dura para mordomos, de aza de morengo para certos viuvos, de pelle de tigre para muitos editores, de pennas de pato para certos poetas, de aza de mosca para os amantes platonicos, e de ponta de cerro para alguns que eu conheço. A mascara fina, constante em todo o genero humano, é a da adulação.

Não ha pessoa que a não traga por alta ou insignificante que seja a sua posição social.

A farça continúa, a farça progride e estende o seu dominio por toda a parte.

As meninas aprendem a usal-a das mãis ou das mestras: os meninos dos homens, e os homens das mulheres.

Farça no theatro, farça no passeio, nas visitas, nos bailes, na politica, nos sentimentos, na sciencia, na virtude, nas idéas, farça no presente, farça no passado, e farça no futuro.

O baile é sempre o mesmo.

Mudam os pares, succedem-se, mas a musica continúa a fazer ouvir dos mortaes seus deliciosos sons.

SIC TRANSIT...

Um dia Fr. Manoel das Bentas Chagas
Limpava ás sujas mangas da batina

De seu teimoso pranto as grossas bagas,
Sentado á sombra de uma velha ruina

Cahira ha muitos annos o convento
Onde ledo passára a mocidade,
E vinha agora ali por seu tormento
Curtir as agras dôres da saudade.

" Fr. Manoel, lhe pergunto, que pezares
Turvam teu rosto que em tal pranto o levás?
Tens culpa de que ruissem os altares
Do templo, onde ao Deus vivo celebravas!...

" Não tens culpa; bem sei... choras os damnos
Da santa religião, pois viste um dia
O que fôra trabalho de mil annos
Cahir ás mãos da ignara Hypocrisia!..."

Fr. Manoel me responde: " esse tão bello
Tempo da vida asctica não lamento;
Chôro sim, por ter visto o camartello
Não respeitar a adega do convento! "
Lisboa—1872

J. SIMÕES DIAS.

MAXIMAS E PENSAMENTOS

Os entes superiores têm um lugar destinado pela natureza, e tudo o que delle os afasta lhes parece usurpação. Elles encontram a sociedade muitas vezes inversa da natureza e vingam-se, desprezando-a; disto provém a aversão do genio pelo poder.

A. DE LAMARTINE.

A ordem é a belleza moral das cousas.

O. FEUILLET.

Uma mulher formosa chorando é uma especie de divindade.

E. BERTHE'.

Nada é mais bello do que ver brilhar uma idéa nova no horizonte da intelligencia humana, e nada mais legitimo do que combater e vencer pela razão os prejuizos, os habitos e as substituições viciosas que se lhe oppõem.

A. DE LAMARTINE.

AO SR. APOSTOLO



O querido Apostolo
diz que eu tenho idéas!
coitado eu não tenho ca-
be, a quanto mais idéas!
Se fosse das tuas di-
mensões e espessura e
me zangasse, dir-te-hia
o que me disseste e mais
o que tens vontade de
me dizer que é

*Xeu Lambom Xeu Gallego
Xaite.*